

## **A racionalização do mundo: se não tem remédio, remediado está?**

**Paulo Hayashi Jr.\***

### **Resumo**

O presente ensaio é uma reflexão sobre a questão da modernidade e seus impactos sobre a vida cotidiana das pessoas, bem como uma possível abertura para que os diálogos entre ciência e religião se tornem possíveis. Ademais, sob a condição de prisioneiros dentro da gaiola de ferro devido à crescente racionalização e individualização do mundo, o papel da religião se torna fundamental para abertura do trinco devido ao combate ao ego, orgulho e vaidade. Por fim, o texto apoia-se no clássico “Tao Te Ching”, escritos 600 a.C. como uma forma de equilibrar e reconciliar as duas potências: razão e fé.

**Palavras-chave:** gaiola de ferro, modernidade, ciência, religião.

### **Abstract**

The piece of research is a reflection about modernity and its impacts on the day-by-day activities of Human being. The reflection tries to open space for dialogues and inquiries between science and religion. Religion tries to combat ego, pride and vanity and these can be a source to understand the iron cage of modernity. The Tao Te Ching scripts are used to reconcile these two potencies: reason and faith.

**Key words:** iron cage, modernity, science, religion.



\* **PAULO HAYASHI JR.** é Doutorando em Administração - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Se na modernidade a razão prevalece e idéias iluministas afugentam as trevas e o obscurantismo medieval, é também neste período que o mundo começa a perder seus encantamentos e a exceder nos limites da própria razão. Assim, certo está o grupo de escritores alemães (a geração de 1750) conhecido como Tempestade e Ímpeto (Sturm und Drang) liderados por Goethe (KORFF, 1958), em fazer oposição à racionalidade Iluminista. O excesso de sentido e de razão não torna o mundo melhor, assim como não o é pela sua falta. Todavia, será por meio dos trabalhos de outro alemão que a racionalização do mundo será melhor compreendida. Por isso, este ensaio tem como objetivo descrever alguns aspectos dos trabalhos de Max Weber (1999, 2008), bem como imbricar com alguns questionamentos e reflexões acerca de onde vamos parar.

Diferentemente das outras épocas da humanidade pode-se dizer que a modernidade se caracteriza por ser a sociedade das organizações, bem como uma crescente organização da sociedade em si. A sociedade moderna é calcada fortemente nas ciências e no capitalismo, permitindo o desenvolvimento de organizações com sofisticados aparatos administrativos e de controle permeados pela razão, sendo esta primazmente de cunho utilitarista, ou como se costuma dizer “de cálculo utilitário de consequência meio-fim”.

Na suas análises, Weber utilizou-se de uma metodologia específica chamada de tipo ideal o que permite olhar por toda a “floresta”, ao invés de focar numa ou outra árvore em específico. É preciso voar alto para ver longe. Deste modo, o tipo ideal permite sair do mundo concreto, específico e “olhar à distância” no horizonte da sociedade, possibilitando assim a construção de uma “grande teoria” que permite a análise e a compreensão do seu tempo, a

modernidade. Por isso, a teoria de Weber serve como um grande “guarda-chuva” teórico onde outras teorias “menores” podem encontrar abrigo. Como a teoria contigencial (DONALDSON, 1985) por exemplo.

Por meio do tipo ideal, Weber também percebe que há não apenas uma crescente racionalização das organizações e do mundo, mas também a sua individualização e o aprisionamento da humanidade pela racionalidade instrumental. O que se costuma chamar de “gaiola de ferro”. As relações humanas permeadas por cálculos meio-fim estão no eixo oposto daquele defendido pelos intelectuais liderados por Goethe.

As análises de Weber (1999, 2008) convergem para uma forma espiral sem fim de racionalização onde esferas da vida não destinadas ao trabalho começam a ser invadidas pela lógica instrumental. Por exemplo, atualmente um gerente precisa trabalhar mais de 70 horas semanais para receber uma remuneração condizente com seu padrão e expectativa de profissão. E a sua avaliação será positiva, ou negativa, dependendo dos lucros obtidos no período. Assim, alguns itens tidos como modismos gerenciais como escritório virtual, SOHO – Small Office, Home Office - ganham maior durabilidade e corroboram, juntamente com o desenvolvimento de tecnologias como o telefone celular, e-mail, chats, *voip* para dificultar a separação da vida pessoal da vida profissional. É fácil encontrar exemplos de pessoas que não conseguem se “desligar” da empresa, mesmo quando estão em envolvidas em atividades familiares. Ademais, sistemas mais avançados e sutis de controle como a identificação biométrica aumentam a necessidade de eficiência produtiva. E o individualismo crescente da sociedade completa a idéia de que não é a

humanidade coletivamente que está presa numa grande gaiola de ferro, mas sim os indivíduos em pequenas gaiolas separadas. O egoísmo e a crescente individualidade do ser humano, chegando até mesmo no oportunismo de Williamson (1996) tornam a gaiola cada vez mais aparente e mais necessária de ser alvo de resistência e combate. Todavia, como fazer isso? Como fazer o Homem passarinho escapar da gaiola?

Vejamos alguns exemplos do cinema. A instrumentalidade invadindo todas as esferas sociais e o empobrecimento das relações interpessoais foram muito bem descritas no cinema por meio de filmes como "Tempos Modernos" (1936) de Charles Chaplin e "Teorema" (1968) do cineasta italiano Paolo Pasolini.

Em Tempos modernos, Chaplin procura criticar a sociedade industrial pela maneira como o trabalhador é tratado, bem como pelo apelo ao consumo e consumismo. Uma das cenas que marca o filme é quando Chaplin é "engolido" pela máquina. Uma possível leitura que se pode fazer é a metamorfose do homem em um ser sem sentimentos (máquina). Já o filme de Pasolini procura descrever a desestruturação de uma típica família burguesa dentro do contexto moderno. Ambos os filmes são maneiras de tratar da racionalização do mundo e em nenhum deles tenta se trazer as soluções. Será que "se não tem remédio, remediado está"?

Se no limiar da razão e nas fronteiras mais tênues de moralidade e bem-estar humano a ciência é incapaz de trazer meios mais profícuos de resistência à gaiola de ferro e a crescente individualidade do ser humano, não residiria aqui a complementaridade da religião para com a ciência? Como se sabe, a religião é fonte de combate do ego, do orgulho e da vaidade humana,

bem como de equilíbrio entre a razão e os sentimentos mais diretamente vinculados ao coração do que ao cérebro. Todavia, não se espera que haja a reintegração sem conflitos entre elas, pois cada campo tem sua história, poderes e obstáculos epistemológicos. É certo que o caminho da solitária razão é difícil, penosa e talvez não suficiente para adentrarmos numa nova condição humana, mas quem sabe por meio da "porta estreita", do equilíbrio entre razão e emoção, materialidade e espiritualidade, trabalho e família, estudo e descanso isso seja possível. É preciso aceitar os desafios do paradoxo, do ultramental, de uma verdade que extrapola a estreita e limitada racionalidade humana para que possamos assim ultrapassar a gaiola de ferro. Como já professorava Lao-Tsé há mais 600 anos a.C.:

O excesso de luz cega a vista.  
O excesso de som ensurdece o ouvido.  
Condimentos em demasia estragam o gosto.  
O ímpeto das paixões perturba o coração.  
A cobiça do impossível destrói a ética.  
Por isto, o sábio em sua alma  
Determina a medida de cada coisa.  
Todas as coisas visíveis lhe são apenas  
Setas que apontam para o invisível.

#### Referências

- DONALDSON, LEX. **In defense of organizational theory: a reply to the critics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- KORFF, H. A. **Geist der Goethezeit.** Band I. Leipzig: Koehler&Amelang, 1958
- LAO-TSÉ. **Tao Te Ching.** São Paulo: Martin Claret, p. 49, 2009.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade.** Brasília: UNB, 1999.
- \_\_\_\_\_. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Thompson, 2008.
- WILLIAMSON, O. E. **The Mechanisms of Governance.** New York: Oxford University Press, 1996.